

IMPRESSO

URB MOU R5 9/A

CPV-CENTRO DE DOC E PESQUISA VERGUEIRO
R. Sao Domingos, 224
Bela Vista
Sao Paulo SP 01.326-000

CPV

5 JAN 2002

Sector de Documentação

Sinal

SE
LIGA
NO

Informativo do CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas
da Leopoldina
Ano X - Número 49 - out/nov/dez 2001

Caderno

Encarte nº7
Sócio-economia solidária

Religião e saúde
saber popular e ciência

3
7

Manguinhos a comunidade

PAGINA CENTRAL

Caiu na rede
é peixe

6



SE
LIGA
NO
Sinal

JORNAL TRIMESTRAL
PUBLICADO PELO
CEPEL - CENTRO DE
ESTUDOS E
PESQUISAS DA
LEOPOLDINA,
ENTIDADE SEM FINS
LUCRATIVOS PARA
ASSESSORIA AOS
MOVIMENTOS DA
REGIÃO DA
LEOPOLDINA

**COMISSÃO
EDITORIAL**

Cristina M. (Kita) Eitler
Carla Moura
Fernando C. R. Fernandes
Homero T. de Carvalho
M. Eugênia (Kena) U. Silva
Victor Vincent Valla

COLABORADORES

Renata F. Cerqueira
Alexandre Magno T. de
Carvalho
Cátia Guimarães

**APOIO
ADMINISTRATIVO**

Maria de Fátima Correia S.

**JORNALISTA
RESPONSÁVEL**

Homero T. de Carvalho
(Mtb 1127/05/65v -PR)

PROJETO GRÁFICO

Caco Chagas
Kita Eitler

EDITORIAÇÃO

Zona Criativa (2205 3220)

CAPA

Kita Eitler sobre óleo de
Lasar Segall - Maternidade
1936

APOIO

KFS
JUVENTUDE CATÓLICA
AUSTRIACA
ENSP/FIOCRUZ

O CEPEL autoriza a
reprodução total ou
parcial dos artigos
deste jornal, bem como
sua utilização para fins
educativos. Solicitamos
citação da fonte e o
envio de cópia em caso
de publicação.

**EDITORIAL****O SACO DE MALDADES NO PAÍS DA DÚZIA DE DEZ**

... E a vida continua.

Fim dos direitos trabalhistas garantidos pela Constituição e pela CLT há 60 anos; manutenção da tabela de desconto de imposto de renda de todos os assalariados, isto é, daqueles que sofrem desconto nos salários e não podem reclamar; correção mínima do salário mínimo, que não chega a cem dólares, um dos mais baixos do mundo - o ano de 2001 acabou com uma enxurrada de iniciativas do governo, o seu saco de maldades, que, atingindo, para pior, a vida de todo mundo, visam, na verdade, cumprir os acordos que aprofundam a presença subalterna do Brasil no mundo do mercado globalizado.

Estas propostas acabaram sempre se confirmando num Congresso de maioria conservadora e dominado pelos interesses particulares da aliança governista. Elas somaram-se a um quadro já crítico, marcado, entre outras coisas, pela manutenção das taxas de juros mais altas do planeta, inviabilizando a atividade econômica do país, pelo desemprego crescente, pela falta de energia... e pela invenção, durante o ano, da dúzia de dez e do quilo de novecentos gramas.

Com este artifício das empresas, não só os brasileiros-consumidores ficaram sujeitos às "regras do mercado" (*que não-deve-ser-fiscalizado-pelo-Estado*), como também ficaram escondidos os aumentos de preços, que não mudaram apesar da quantidade menor de produtos, confirmando o "ideal" do país-sem-inflação.

Mas, para existir, o país real não é desenhado apenas pelas iniciativas oficiais e pela falta de escrupulo - apesar

delas, além delas e até contra elas, a população também organiza-se e propõe. Neste número do Se Liga no SINAL, estamos publicando assuntos que retratam o dinamismo das propostas criadas na sociedade brasileira.

Na página central, você vai conhecer um pouco da história e dos problemas das comunidades que compõem o Complexo de Manguinhos. O fato novo é a mobilização das entidades dos moradores, que estão articulando-se pela transformação da sua região, em torno do movimento Acorda Manguinhos.

No Caderno S, encarte temático de cada edição deste jornal, você vai conhecer a proposta da Sócio-economia Solidária, uma nova forma de organização do trabalho e do consumo, baseados na troca de mercadorias e aptidões e no respeito à vida e à dignidade de todos.

Na página 6, você verá que as redes sociais, que "prendem" todo mundo, também pode ser uma forma de liberdade alcançada na organização de grupos e indivíduos, que podem se unir em torno de objetivos comuns.

Além de informar, ao apresentar esses assuntos e também a relação entre ciência, saúde e religião, abordada

nas páginas 3 e 7, esperamos estar contribuindo para que o final do próximo ano possa ser avaliado com otimismo em todos os editoriais. Esperança há.

Feliz 2002!





RELIGIOSIDADE POPULAR E SAÚDE

Os caminhos do alívio para a dor de viver

3

Renata Ferreira Cerqueira

No mundo capitalista impera a desigualdade social. As pessoas valem menos que os lucros das grandes empresas, dos bancos e das regras do FMI.

Isso faz com que sejamos cada vez mais individualistas, no sentido perverso da palavra e que aumente a violência urbana. A busca incessante por melhores condições de vida, faz com que encaremos uns aos outros como adversários. Tudo isso faz com que as dificuldades familiares se acentuem e se desgastem os laços sociais, comprometendo a saúde física e mental. Experimentamos um constante sofrimento difuso, caracterizado por queixas físicas (dores pelo corpo, insônia, angústia), que motivam a busca por auxílio médico no sistema básico de saúde. Mesmo o atendimento nos serviços de saúde pública, não implica na compreensão da pessoa na sua inteireza: não há espaço nas consultas médicas para que se coloquem os sentimentos de aflição que prejudicam o bem viver e o cotidiano.

Faz parte dessa discussão a religiosidade popular enquanto uma das formas encontradas pelas pessoas para aliviar o sofrimento difuso. Dessa forma, o indivíduo que busca auxílio e explicações para seus problemas nos espaços religiosos recebe o que denominamos apoio social. O apoio social é um termo utilizado para definir essa troca de emoções, informações, e até mesmo trocas materiais, fazendo com que os indivíduos integrantes dessa rede experimentem mais autonomia sobre suas vidas. Neste espaços, as pessoas, então, tem a auto-estima reforçada, conseguindo dar um novo significado às suas vidas.

Por esse motivo, considerar o indivíduo como parte da sua comunidade e da sua cultura, amplia as possibilidades da abordagem da saúde mental enquanto projeto de toda a sociedade. Ou seja, compreender que os indivíduos buscam auxílio e explicação para seu

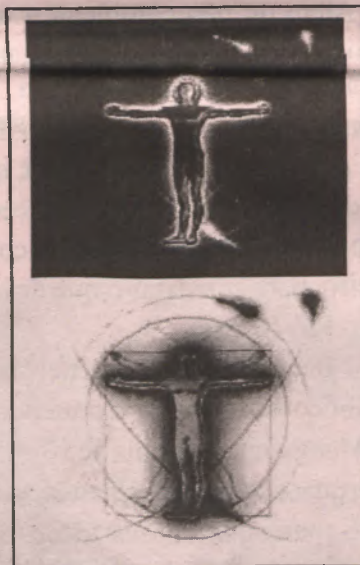
sofrimento nas igrejas é algo que deve ser considerado, respeitado e valorizado na nossa sociedade. No entanto, há algumas dificuldades de reconhecimento do saber popular pela comunidade científica.

Rubem Alves, exemplifica essa diferença entre a sabedoria popular, vivenciada também como sentimento religioso, e o conhecimento científico:

"A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. A ciência nos coloca num mundo glacial e mecânico, matematicamente preciso e tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor". (in ALVES, Rubem, 1984, O que é religião, 5ª ed., Ed. Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, nº 31)

Nessa perspectiva, o que a religiosidade popular nos mostra e ensina é a multiplicidade de caminhos terapêuticos que fazem parte da vida das pessoas na busca por tratamento e cura do seu sofrimento.

Compreender que os indivíduos buscam auxílio e explicação para seu sofrimento nas igrejas é algo que deve ser considerado, respeitado e valorizado na nossa sociedade.



Sobre o tema *Religiosidade Popular e Saúde*, ver também em números anteriores do Se Liga no SINAL, os seguintes artigos, assinados por Vitor Valla:

- *Religiosidade popular e saúde: por que pesquisar?* (nº 48 – jul./ago./set. 2001)
- *Apoio social: a convivência como terapia.* (nº 47 – abr./mai./jun. 2001)
- *Religiosidade popular e saúde: pesquisa procura desvendar a ação terapêutica da fé.* (nº 45 - out./nov./dez. 2000)



A VOZ COMUNITÁRIA DE MANGUINHOS

Em entrevista, dirigentes de associações de moradores falam de conquistas, dos problemas de hoje e das soluções urgentes

Carla Moura

4

Durante 1 ano de trabalho no complexo de Manguinhos, a observação que mais ouvi é a de que as condições de vida no local pouco têm mudado. A minha inserção no trabalho em Manguinhos se deu via indicação do CEPEL para a Fundação Bento Rubião, que realizou inicialmente um levantamento das condições de vida em Manguinhos, utilizando a metodologia DRP - Diagnóstico Rápido Participativo.

Para destacar a trajetória do movimento comunitário na região e a continuidade de problemas públicos, que muitas vezes ainda têm que ser resolvidos pelos próprios moradores, entrevistei líderes comunitários do Conjunto Habitacional Popular, o CHP2, e do Parque João Goulart, áreas que fazem parte da mesma malha urbana de Manguinhos, situada entre o Canal do Cunha, a linha férrea da Leopoldina, a Av. dos Democráticos e a Estrada de Manguinhos. Eles fizeram uma avaliação da situação local, já que aproveitando a proximidade geográfica e a semelhança de problemas, as duas associações de moradores têm feito um trabalho integrado - essa união de forças tem contribuído para a solução mais rápida de problemas locais. Com a publicação desse retrato da região, gostaria de homenagear todos os moradores e líderes comunitários com quem convivi na realização do diagnóstico participativo, especialmente o Coletivo de Mulheres de Manguinhos.

A atual diretoria da associação do Parque João Goulart foi eleita em março último e aponta que o maior problema da comunidade é a rede de esgoto. Segundo o presidente Carlos Alberto (Beto) "o esgoto não está dando vazão. Parte do esgoto do CHP2 desemboca no Parque João Goulart. Quando ocorre um pequeno entupimento, ele vira algo muito grande". Ele e o Sr. Vavá contam que têm entrado no esgoto para tentar solucionar o problema. As associações de moradores têm procurado conscientizar os mo-

radores para que não joguem lixo no esgoto, pois já encontraram calças jeans, patinetes, fraldas, madeira e outros objetos que deveriam ser postos no lixo.

SANEAMENTO

Marcos Evangelista (presidente associação do CHP2) reclama que a obra do Pró-Sanear na sua comunidade é dada como pronta, porém não foi feito um sistema de escoamento de águas pluviais, o que complica muito a vida no CHP2 quando chove. Se a obra tivesse sido feita com encanamento no diâmetro necessário para a quantidade de esgoto produzida, os cinco funcionários pagos pelo Projeto Bomba, do governo do Estado, dariam conta da manutenção da rede. Além de não completar a obra, denuncia Marcos, o Pró-Sanear "saiu rasgando ruas já asfaltadas e não consertou-as." Na tentativa de resolver o problema, ele mesmo foi verificar o custo do conserto e se espantou, pois sairia em mais de vinte mil reais. Entristeceu-se mais ainda, pois a comunidade não tem como conseguir dinheiro, para consertar o que devia ter sido feito pelo Pró-Sanear.

Beto denuncia a ausência histórica do poder público municipal - "a prefeitura tem abandonado Manguinhos há mais de 10 anos. "E, infelizmente, quando acontece alguma intervenção externa, não contempla a necessidade da comunidade. Um outro exemplo foi a remoção dos barracos de baixo das torres de alta tensão, que a Light comandou. "O trator chegou, derrubou tudo e deixou os canos abertos com água, dando mosquito. Há muitos casos de dengue na comunidade. No local está crescendo muito mato e alguns moradores ocupam o espaço com animais que ali encontram restos de comida. Ali se tornou mais um foco de doença. E nós não podemos colocar remédio por causa dos animais". Há também uma enorme quantidade de ratos no local. Marcos conta que há um projeto da Light de instalação de uma horta comunitária no local, mas até agora nada foi feito.

MORADIA

A falta de moradia é outro problema. "Há uma placa do Governo do Estado dizendo que está fazendo obras, mas ainda faltam algumas ruas que são dadas como concluídas, como por exemplo as ruas Mariana e Jacinto. Já passaram para a segunda etapa do processo (Vila Turismo) sem ter concluído a primeira (CHP2 e João Goulart), reclama Marcos. Tendo assumido a associação de moradores em junho de 2000, a diretoria da associação do CHP2 várias vezes substituiu o poder público nas suas obrigações: construíram escada na adutora, pois as pessoas tomavam tombo tentando passar por baixo dela para ter acesso ao comércio do Jacarezinho, pois em Manguinhos o comércio ainda é muito incipiente. Jogaram um asfalto que já acabou - "Quando seca é poeiral e quando chove é um lamaçal que ninguém agüenta".

Beto também falou da sua preocupação com a necessidade de dragagem do rio Jacaré: "agora vêm as chuvas de verão, o rio sobe e invade a comunidade. Já o Faria-Timbó que foi dragado, quando enche não transborda mais como antigamente."

ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Outro problema que atormenta a vida dos moradores das duas comunidades é a falta de iluminação nas ruas. Os dois presidentes das associações de moradores (Beto e Marquinhos), já cansados de solicitar a melhoria da iluminação pública à RioLuz, pensam em mais uma vez cumprir essa tarefa, infelizmente, pela ausência do poder público, arrecadando recursos para a colocação de gambiarras nos lugares mais perigosos.

Manguinhos têm muitas outras necessidades apontadas pelas lideranças. Uma das suas maiores preocupações é com a falta de ocupação de crianças, jovens, adultos e idosos. Não há oferta de cursos profissionalizantes gratuitos e nem programas de renda mínima na co-

munidade. Apontam como soluções, a implantação urgente de cursos profissionalizantes para jovens e adultos e atividades de lazer e saúde para crianças e idosos.

CRECHES

Ainda sobre as condições de vida das crianças, nas duas comunidades há apenas duas creches comunitárias e milhares de mulheres não têm creche, onde poderiam deixar seus filhos enquanto trabalham.

Na tentativa de compreender o abandono de Manguinhos, as lideranças atribuem a "guerras políticas do passado". Alguns políticos foram mal tratados em Manguinhos (jogaram ovo no Conde), pois "antes só podia entrar o pessoal do Sérgio Cabral". Sabem que a entrada do Favela-Bairro em Manguinhos já tinha saído em Diário Oficial na época do prefeito Conde e denunciavam que "outras comunidades passaram na frente e Manguinhos nada".

SAÚDE

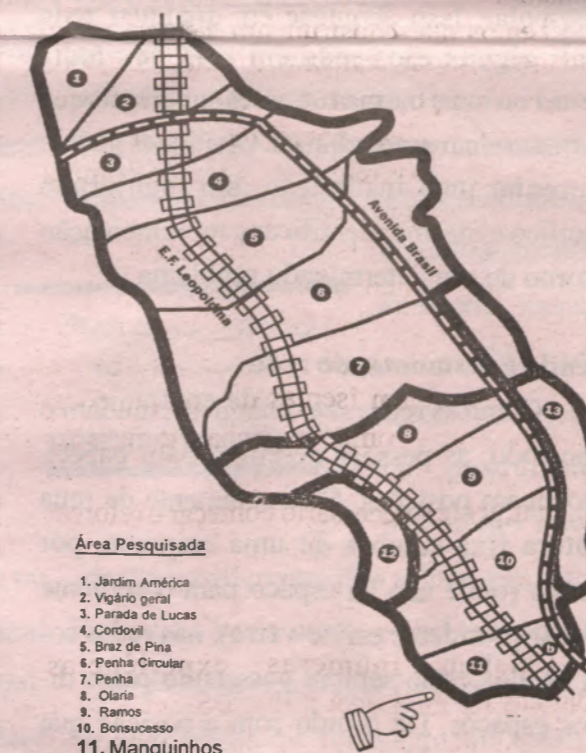
Os diretores das duas associações de moradores Evaldo Costa, Demerval Piheiro (Seu Vavá) e Arildo assinalam ainda a necessidade de ensino supletivo e alfabetização de adultos em Manguinhos. Sugerem até que a Escola Municipal Ema Negrão de Lima seja utilizada à noite para essa finalidade. Ressaltam também a necessidade de um posto médico, pois o "posto da Fiocruz atende apenas uma pequena parte das pessoas que precisam." Comentam também a precariedade da sinalização da Av. dos Democráticos, em frente à Souza Cruz - "já estamos cansados de enviar ofício a respeito e nada".

A R.A. DE MANGUINHOS

Ainda bem que nem só de tristezas vive Manguinhos. As lideranças apontam como uma grande conquista a Região Administrativa de Manguinhos. A R.A. é fruto de um acordo firmado entre o prefeito Cesar Maia, ainda quan-

do candidato, e os presidentes das associações de moradores do Conjunto Nelson Mandela e do CHP2 (Marcos Araújo e Marcos Evangelista). E como ficou acertado, o futuro administrador - Grabriel, liderança antiga e bastante conhecida - foi escolhido pelas lideranças comunitárias.

As lideranças do Parque João Goulart elogiaram o trabalho do Programa de Saúde da Família na comunidade e tanto o CHP2, quanto as outras 9 comunidades de Manguinhos não atendidas, esperam ansiosamente a chegada do Programa. Pois além do Parque João Goulart, até agora o PSF atende apenas a comunidade Mandela de Pedra.



Área Pesquisada

1. Jardim América
2. Vigiário geral
3. Parada de Lucas
4. Cordovil
5. Braz de Pina
6. Ponte Circular
7. Penha
8. Olaria
9. Ramos
10. Bonsucesso
11. Manguinhos
12. Complexo do Alemão
13. Complexo da Maré

Manguinhos está situada entre o Canal do Cunha, a linha férrea da Leopoldina, a Av. dos Democráticos e a Estrada de Manguinhos.

5

A Experiência de Manguinhos DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTADO SÓ COM A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

A coleta de dados para o DRP - Diagnóstico Rápido Participativo iniciou-se em setembro de 2000. A partir de janeiro, inaugurou-se uma etapa de maior articulação com os atores comunitários, fomentando a sua participação no programa DLIS - Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável. O DLIS-Manguinhos é uma idéia do atual presidente da Fiocruz, Dr. Paulo Buss, então diretor da ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública. Desde 1999, a Fiocruz vem buscando parcerias com vários órgãos do poder público (estadual, municipal e federal) e com empresas que se situam em Manguinhos, visando a execução de ações integradas voltadas para o desenvolvimento local.

Apesar de pouco articuladas entre si, a receptividade da iniciativa de criação de instâncias de participação comunitária no processo DLIS, foi considerada excelente pela maioria das lideranças. É importante ressaltar e agradecer o tratamento dispensado ao projeto pelos presidentes das associações de moradores de Manguinhos - sua participação em todo o processo de desenvolvimento do local é indispensável, juntamente com outras lideranças locais.

Caderno S

Ano I - Nº 7
Encarte do SINAL Nº 49
out / nov / dez 2001

Página 2
Rede de trocas: uma proposta para o desenvolvimento local

Página 3
Transformações no perfil do trabalho e seu futuro

Página 4
Mulheres e economia

Os autores dos artigos são membros do PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul, Rio de Janeiro. adm@pacs.org.br
Robson Patrocínio - educador popular
Ruth Spinola - economista
Marcos Arruda - economista e educador. Sócio do Instituto Transnacional, de Amsterdam (Holanda).

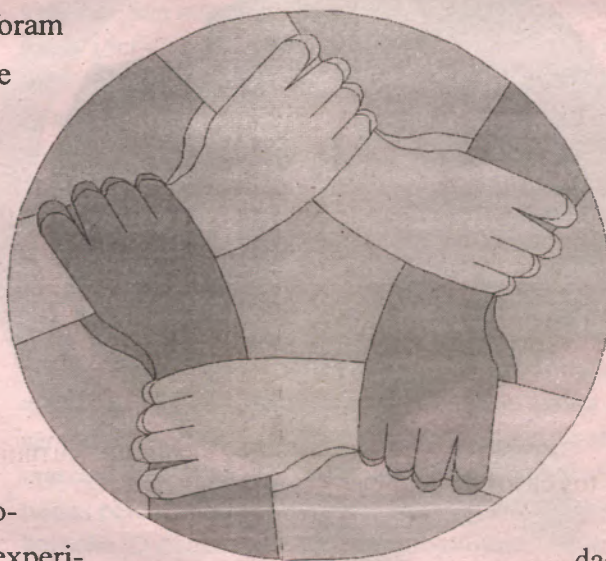
out
nov
dez
01

EDITORIAL

SÓCIO-ECONOMIA SOLIDÁRIA

Nos vários encontros ao longo desses dois anos de caminhada do Mutirão Quilombo e dos outros Mutirões (Mutirão da Serra e Mutirão da Baixada), além de outros encontros e seminários que participei, duas falas sempre foram muito constantes. Uma delas, é aquela que coloca o projeto da Rede de Trocas como um projeto que acontece há muito tempo, e que portanto não é nada de tão novo como pode parecer. A outra, traz o questionamento de que se trata de algo que todos e todas fazemos, quase que diariamente, ou seja, “TROCAS”.

Nesses encontros, ouvimos também as pessoas dizerem, que sua bisavó já fazia trocas, ou que no interior, lá na roça, já viram e experimentam muitas trocas, inclusive sem precisar de moeda. E não precisamos ir muito longe, nas nossas comunidades, o que mais vemos são trocas. Dona Maria que empresta o carrinho de mão para o Senhor João, que por sua vez, empresta a enxada, para



a obra da Dona Maria ou de outros moradores. O que representa o mutirão para limpar o rio da comunidade ou para bater a laje da casa de algum morador, se não uma grande troca?

Sendo assim, podíamos nos perguntar: afinal o que é a Rede de Trocas e o que existe de novo nesse projeto? Podíamos responder a essa pergunta com algumas outras tantas, para podermos refletir juntos – com os artigos deste Caderno S, estamos propondo esta reflexão.

É importante dizer que a Rede de Trocas Solidárias nasce como uma das vertentes dentro do contexto da Sócio-economia Solidária, procurando resgatar o verdadeiro sentido da palavra economia: gestão (do grego, nomos), da casa (oicos), ou cuidar da casa. A sócio-economia solidária se apresenta enquanto uma proposta de gestão, controlada e administrada pela sociedade, em função das necessidades reais de todos e todas para viverem bem e em fartura.

Ca
der
no
S

REDE DE TROCAS: UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

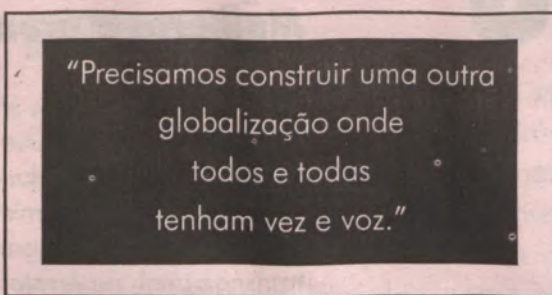
Qual o grau de importância que nós homens, mulheres e crianças das comunidades e da sociedade de um modo geral, temos para esse mundo globalizado e para o projeto neoliberal? Sabemos o que significam esses projetos, e as suas influências em nossas vidas? Onde encontramos hoje, o valor do nosso trabalho, e de tudo aquilo que produzimos com o nosso suor, com as nossas forças? Como não deixar que nos roubem totalmente a nossa capacidade de sonhar? E como resgatar essa capacidade daqueles que já não a possuem?

Como fazer da Rede de Trocas um espaço de criação, de reinvenção que valorize a cooperação, a autonomia, a solidariedade em oposição aos vícios que nos contaminaram, o individualismo, o consumismo, a competição e a manipulação, incentivados pelo sistema capitalista.

Obviamente, acreditamos que as respostas para essas perguntas não estão prontas, mas podemos apostar na busca esperançosa e coletiva dessas. É claro que se pegarmos alguns dados estatísticos sobre o desemprego, a mortalidade infantil, o saneamento básico, logo vamos perceber que essa globalização só beneficia uma minoria. Ela é totalmente excludente.

Precisamos construir uma outra globalização onde todos e todas tenham vez e voz.

A Rede de Trocas aparece nesse contexto somando força com tantos outros projetos que geram vida. Portanto, ela não é "O PROJETO", "A SOLUÇÃO", mas uma das formas de orga-



nização da vida no modelo da sócio-economia solidária.

A Rede de Trocas reúne grupos de pessoas em todo o mundo, que produzem, conso-

mem dentro daqueles núcleos. Por vezes criam uma moeda com identidade local, por outras, constroem um mecanismo de controle dos saldos de cada participante. De modo geral, cada membro não deve consumir mais do que leva para as feiras, como também, não pode oferecer mais do que retira do grupo.

Aqui no Rio, a Rede de Trocas Solidárias é formada por Mutirões, que podem ser encontrados em diferentes bairros. Lá, as pessoas se reúnem a fim de adquirir produtos, serviços e saberes por meio da troca recíproca entre seus participantes sem intermediação do dinheiro. A moeda social aparece como facilitadora das trocas mais complexas, sem um fim em si mesma, além de não poder ser inflacionada, porque está vinculada à hora de trabalho social. Diferente do Real e de outras moedas que, de um modo geral, se tornaram meio de pura especulação, descartando de vez o trabalho humano.

Podemos perceber a riqueza que a Rede de Trocas proporciona, indo além das feiras. É o resgate da ética, da nossa cultura local, da dignidade, da cidadania e o surgimento de novas relações, articulações que poderão desembocar em novas possibilidades de desenvolvimento local.

Hoje, temos a convicção de que precisamos voltar a sonhar. Somente assim, podemos pensar em criar alternativas concretas de superação das dificuldades, na busca de um novo modelo de sociedade, onde prevaleçam a vida e as diferenças, acima de tudo.

*Robson Patrocínio - educador popular
Ruth Spinola - economista*



Transformações no perfil do trabalho e seu futuro

Engolfados pelos redemoinhos da globalização neoliberal, milhões de trabalhadores em todos os continentes são açoitados pelo desemprego. Mas quem está em crise, afinal? O trabalho humano ou uma forma específica de trabalho? A maciça substituição do trabalho humano por máquinas seria prenúncio de que não há futuro para os trabalhadores e suas organizações?

Vivemos hoje no Brasil uma profunda mudança no perfil do emprego e do trabalho. O fator determinante destas mudanças são as opções de política econômica e social dos governos e das elites que dominam o Estado. Seu caminho é o da integração subordinada e acrítica na globalização neoliberal. Esta globalização está centrada numa intensíssima competição dos grupos muito capitalizados pela introdução de tecnologias capazes de reduzir os custos de produção e aumentar sua competitividade. O primeiro custo que escolhem reduzir é o ser humano: demitir trabalhadores e substituí-los por máquinas sempre mais inteligentes e ágeis.

Por um lado, as novas tecnologias têm o potencial de economizar energia e tempo de trabalho humano. Mas, na verdade, já que as empresas precisam apropriar todo ganho de produtividade para aumentar sua própria competitividade nos mercados sempre mais globalizados, a tendência é que aqueles benefícios se concentrem nelas, em prejuízo tanto dos trabalhadores que são demitidos quanto daqueles que permanecem empregados. É o que explica que nas últimas décadas o crescimento do produto interno da maioria dos países tem puxado, ao contrário do que acontecia antes, um aumento também do nível de desemprego.

O Brasil teve um percurso lamentável no período do Plano Real, mas particularmente dramático no que se refere a taxas de desemprego (medidas pelo Dieese/Seade) -era de 8,02% no início do governo Collor (1990), 13% no ano da renúncia de Collor, 13,5% em 1995, primeiro ano do governo FHC, e 19,5% em 2000. O empobrecimento daí decorrente fez inchar aceleradamente o setor informal da economia.

No início de 2001, calculava-se que cerca de 55% dos ocupados não possuíam carteira assinada. Quanto ao Índice do Desenvolvimento Humano, do PNUD, o Brasil, 10º país em produção bruta de riqueza, era o 69º colocado! (O Globo, 10/7/01). Mas a pobreza abrange uma parte muito maior da população que a revelada pelos indicadores oficiais. Se considerarmos que quem tem uma renda inferior a cinco salários mínimos não pode comprar o essencial para levar uma existência digna, temos que quase 120 milhões de brasileiras e brasileiros vivem hoje na pobreza ou na indigência. Vergonha, para um país com a fartura de terri-

tório e de recursos naturais que possui o Brasil!

É neste contexto que desabrocham, contra a corrente, inúmeras iniciativas econômicas marcadas pelos valores da cooperação e da solidariedade. Elas tomam quase unanimemente como referência principal o trabalho humano concebido como o próprio modo de existir, expressar-se e relacionar-se do ser humano. Associado ao saber e à criatividade, o trabalho humano é o principal fator da construção do mundo e de nós próprios. Ele, e não os objetos que ele produz, deve ser o referencial de valor da economia e da própria cidadania.

Um novo paradigma desponta, que relaciona a *economia* com sua função original, a “gestão da casa”, referida aqui a todas as casas em que habitamos, desde o nosso corpo até o planeta Terra, passando pelas comunidades que nos situam, o município, o estado, o país, a macro-região, o continente. O *desenvolvimento humano* é visto como o objetivo maior da atividade produtiva e criativa. O novo paradigma propõe que a *propriedade e a gestão dos bens produtivos* sejam atribuídos aos que neles trabalham. A dimensão politicamente inovadora deste paradigma está em conceber *cada pessoa, cada cidadão ou grupo de cidadãos como o sujeito* potencialmente ativo e criativo do seu próprio desenvolvimento. Sua inserção econômica, política e cultural passa a ser o objetivo principal dos sistemas de decisão e da atividade educativa (desde a educação básica até a universidade). As *cadeias e redes comerciais e relacionais* se reconstróem, então, de baixo para cima e de dentro para fora. Os valores da cooperação, do respeito à diversidade, da complementaridade e da solidariedade passam a prevalecer sobre o da competição e do egocentrismo.

Um *mundo do trabalho emancipado*, das necessidades de cada um e de todos sendo continuamente satisfeitas por cada um e por todos, passa a ser possível. A *relação com a Natureza* deixa de ser marcada pela confrontação e pela destruição, substituídas pelo conhecimento, pelo respeito e pela colaboração. O *Estado* passa a estar subordinado a sociedades organizadas e conscientes dos seus direitos e deveres – transforma-se, enfim, em Estado democrático, e dedica-se à sublime tarefa de orquestrar a diversidade e zelar pelo bem-estar e felicidade de toda a coletividade.

Numa tal ordem de coisas, é possível visualizar a *paz*, não mais como uma abstração, mas

como fruto da justiça e da fraternidade entre os cidadãos e entre povos. São muitos milhões os que acreditam que um outro mundo é possível, que uma *globalização cooperativa e solidária* está ao nosso alcance, se acreditarmos nos nossos melhores sentimentos e nos dedicarmos a juntar nossas forças e energia criativa para construí-la.

No plano micro-social as unidades são o lar das famílias, a escola, a empresa e a comunidade. Nestes espaços começam a desenvolver-se sistemas de organização da vida e do trabalho relacionados com as necessidades, mais que com o mercado. O método de organização e tomada de decisões capaz de construir unanimidades na diversidade e progresso na caminhada comum se chama *autogestão*. Esta só existe em ambiente onde as diferenças são bem recebidas, pois são fonte potenciais de enriquecimento mútuo e de complementaridade, e o outro é acolhido como ser essencial para o desenvolvimento de cada um. O modo privilegiado deste tipo de relação é o diálogo e a colaboração solidária.

Neste contexto, a *tecnologia* deixa de ser um fim em si e volta a ser um meio para o progresso coletivo e humano. A *riqueza* já não é vista apenas como mera acumulação de bens materiais, mas sobretudo como a disponibilidade de tempo para o *trabalho* que realmente importa, que é o de cada um desenvolver suas dimensões e potenciais especificamente humanos, os sentidos da ética, da estética, da comunicação, do convívio e da amorosidade. A *educação* passa a ser a atividade permanente de fazer desabrocharem estes potenciais em si e em cada outro.

Uma *economia do suficiente, da frugalidade, da partilha* substitui a atual economia do crescimento ilimitado, do consumo excessivo e da produção ilimitada de lixo e poluição.

O trabalho de tecer *redes solidárias internacionais* tende a reinventar as instituições multilaterais e a redefinir suas funções. A planetarização de uma humanidade enfim libertada da barbárie da exploração, da opressão, da violência e das guerras deixa de ser um sonho impossível.

Marcos Arruda

Mulheres e economia

As mulheres no conjunto da sociedade são as grandes responsáveis pela reprodução humana, pela preservação da vida e pelo cuidado com as pessoas. Vocês já prestaram atenção nisso? Só que todas essas atividades não são consideradas trabalhos economicamente rentáveis. Vamos ver que trabalho é esse:

Reprodução da vida: é o cuidado da casa, da preparação do alimento. É o acordar cedo e o preparar os filhos para ir à escola, é garantir que os membros da família possam se reproduzir a fim de produzir para o conjunto da sociedade.

Preservação da vida: as mulheres em muitos países estão à frente no cuidado com o meio ambiente, na construção de bancos de sementes, na luta contra guerra, nas campanhas contra a violência, na luta pelo respeito aos direitos humanos.

Cuidado com as pessoas: quando filhos, maridos, pais, sogros e sogras, ou qualquer membro da família estiver com algum problema de saúde, indubitavelmente são as mulheres que assumirão o acompanhamento na ida aos médicos, aos hospitais, etc. São as mulheres, na grande maioria dos casos, que cuidam dos idosos e dos filhos.

Na maneira pela qual a economia está estruturada e organizada, somente bens e/ou serviços que possam ser comercializados, colocados no mercado, são viáveis economicamente; isto porque eles têm *valor de troca*. Para aqueles que possuem apenas *valor de uso*, seu lugar é infinitamente inferior na escala de valores da ciência econômica. Por isso, o diamante é muito mais valioso, que o cuidado da casa. Pois sabemos que existem interessados em comprar diamantes e não há quem pague bem pelo serviço doméstico. E como os diamantes são escassos (raros de serem encontrados na natureza) eles valem, todavia muito mais.

Assim, historicamente, o trabalho realizado pelas mulheres não teve o reconhecimento merecido, uma vez que o que elas faziam não tinha *valor de troca* e existia em abundância na sociedade.

O movimento de mulheres teve que lutar muito para que as mulheres rurais, por exemplo, denominassem seu

trabalho de trabalho e não de ajuda, para que as empregadas domésticas tivessem os mesmos direitos que outras trabalhadoras. Todas as conquistas das mulheres no mundo do trabalho se deram a partir de muita luta. Nada foi de graça.

Lutar por uma economia pela vida: um aprendizado com as mulheres

Já não basta que lutemos por um espaço digno na sociedade e especialmente no mundo do trabalho. O desafio é muito maior atualmente: como construir um sistema econômico que garanta o atendimento às necessidades humanas essenciais e fundamentais.

O mecanismo em torno do qual a economia está organizada, é abastecido, lubrificado e mantido pela lógica da destruição e da morte. Violência, desemprego, miséria, guerras crescentes afirmam e renovam este mecanismo.

Temos que construir um sistema onde, em primeiro lugar, esteja o direito básico de comer, vestir-se, morar, educar-se, viver saudavelmente e em liberdade. Para isso é necessário que invertamos a lógica de como a economia está organizada.

No campo das relações humanas dentro do mundo do trabalho, elas foram se afirmando na medida exata em que ela era o inverso das relações familiares, da amizade, da vizinhança. Não que essas sejam isentas de contradições. Mas, o concorrer, o competir, ganham dimensões infinitas no mundo do trabalho.

É urgente e necessário começar e reforçar a visão de que é possível construir outras relações em torno da qual está organizada a produção de bens e serviços, sua distribuição e consumo.

Existem inúmeras experiências econômicas de iniciativa e que contam com a participação de mulheres. São os chamados grupos de geração de trabalho e renda, cooperativismo, associativismo, etc. Diante delas o desafio é perceber em que elas aportam para a construção desses outros modelos econômicos centrados no atendimento das necessidades materiais básicas.

Livros, pesquisas, reportagens sobre o

tema, ainda que poucos, mostram que os trabalhos desenvolvidos nessas experiências econômicas de mulheres tendem a desenvolver outros valores permeando essas relações, principalmente a solidariedade construída no cotidiano. Pode parecer um tanto geral, mas, são indícios que precisam ser melhor entendidos e visualizados.

Para a construção dessa economia pela vida tem-se muito que aprender com o movimento de mulheres; afinal foi ele que desconstruiu verdades – naturalizadas, tais como “mulher minha não trabalha”, “mulher tem que ficar em casa”. E ao mesmo tempo nesse movimento construiu novos lugares e olhares sobre as próprias mulheres.

O mesmo precisa ser feito com relação à economia. Precisamos desnaturalizar a idéia de que só aquilo que tem valor monetário tem valor econômico. O que é mesmo valor? Vamos pensar sobre isso? Afinal, é da economia que tiramos nosso sustento material. Precisamos fazer com que ela esteja nas nossas mãos.

Ruth Spinola Soriano de Souza Nunes





Redes sociais: onde você vive, ensina e aprende a viver

Cátia Guimarães

6

A escola, a família, os amigos, o trabalho, a associação de moradores, a igreja... Você vive em sociedade: está preso em muitas estruturas, mas também faz parte de muitas redes. Se você não conseguiu visualizar uma rede social, olhe à sua volta. Procure ambientes a que você pertence formando grupos sem hierarquia, móveis e recheados de trocas de todos os tipos possíveis. Na vida social, cada um de nós pertence a inúmeras redes diferentes - são as redes sociais, vivas e ativas no cotidiano das pessoas. Não resta a menor dúvida: mesmo antes da internet, nós já vivíamos num mundo absolutamente conectado.

Rede de dormir, de pescar, rede elétrica, redes de televisão: o que há de comum nas diversas aplicações que damos a esse termo? Ao pensar em rede, falamos sempre de ligações: conexões, nós e elos. As relações pessoais e os movimentos sociais não fogem a esse raciocínio. E então? Essa não parece uma boa metáfora para representar a sociedade?

Isso quer dizer que a sociedade pode ser vista como um emaranhado de pessoas, grupos ou instituições que se ligam e se comunicam entre si. E os atores se unem, em geral, porque têm objetivos comuns, seja vencer um jogo de futebol ou instalar um posto de saúde na comunidade. Nos movimentos sociais, o que costura essas redes são as lutas por melhores condições de vida.

Viver em sociedade é, portanto, entrar e sair de redes o tempo todo, trocando recursos materiais e, principalmente, informação e conhecimento. Nas redes de movimentos sociais, a informação que circula funciona como um importante instrumento de luta. Os atores que trocam e se comunicam representam o que chamamos de elos nas redes sociais.

Grupos e subgrupos: uma trama com sentido

Imaginemos uma sala de aula. Podemos determinar, como exemplo, que uma turma de alunos forma uma rede.

Cada aluno tem muitos outros contatos que ultrapassam as fronteiras da escola, mas, em função de um determinado objetivo — aprender — ele está inserido em uma rede específica que chamamos turma ou classe.

Mas, em uma sala de aula, nem todos se comunicam com a mesma frequência. Com o tempo, formam-se, por razões diversas, vários pequenos grupos (as famosas “panelinhas”). São as micro-redes que, unidas, compõem a grande rede escolar. Isso acontece em qualquer rede social: alguns elos mantêm relações mais estreitas ou mais íntimas. A esses subgrupos que se formam chamamos cliques. Os cliques podem representar uma instituição, um (sub)grupo específico e mesmo identificar a movimentação em torno de um determinado problema.

Tecendo e desmontando redes

Como as redes são dinâmicas, mudam o tempo todo, as pessoas desempenham papéis, não ocupam posições. Diferentemente de uma estrutura fixa como a de uma empresa, por exemplo (onde não há espaço para o servente se tornar presidente e vice-versa), nas redes sociais os elos estão sempre passeando pelos diversos espaços. De acordo com a posição que ocupa em cada momento, o ator tem funções diferentes, contribui de forma específica para o objetivo geral daquele grupo.

Um caminho para identificar a posição que uma pessoa ocupa numa rede é calcular sua centralidade. Em uma rede social, existem diferentes tipos de centralidade. Vejamos alguns exemplos.

Um indivíduo é central em relação à informação quando recebe informações vindas da maior parte do ambiente da rede, o que o torna, entre outras coisas, uma fonte estratégica. Em redes de movimentos sociais, as pessoas com maior centralidade da informação podem ser aquelas que mais se destacam no trabalho popular, tendo sua posição estratégica devidamente reconhecida pelos demais participantes da rede.

Uma pessoa pode ser também central em relação à proximidade. Isso quer dizer que ele precisa percorrer um caminho menor para alcançar os outros elos — é mais independente.

Por fim, um elo pode ser central por colocar-se como intermediário, atuando como “ponte”, facilitando o fluxo de informação. O papel de mediador traz a marca do poder de controlar as informações que circulam na rede e o trajeto que elas podem percorrer.

Mas o contrário da centralidade, a posição periférica, também tem seu papel na dinâmica das redes sociais. É através da periferia que uma rede pode se abrir para novas informações, para a comunicação com ambientes externos. É como o aluno que não pertence a nenhum grupo na própria turma, mas cultiva amizade com estudantes de outras séries: mesmo com pouco contato, ele pode trazer para a sala informações e experiências novas, vindas de fora daquela rede.





RELIGIÃO E CIÊNCIA: a diferença indiferente aos problemas da vida

Alexandre Magno Teixeira de Carvalho

out
nov
dez
01

7

Neste número do *Se Liga no SINAL*, resolvemos debater mais um pouquinho em que medida é possível a comunicação entre ciência e religião. E escolhemos o tema “religião popular e psicologia” para tentar entendê-lo um pouco mais e pensá-lo juntamente com os leitores.

Religião e ciência são, em geral, como água e óleo: não se misturam. Nesse jogo, cientistas devem apenas pensar e falar como cientistas (mesmo aqueles que professam alguma fé) e sacerdotes devem apenas falar e pensar como sacerdotes (mesmo aqueles que tenham estudado ciências). A ciência quer pensar o mundo sem religiosidade e acha que na religiosidade não há ciência. No entanto, tanto a religião quanto a ciência são formas de conhecimento. São formas diferentes de conhecimento, mas que disputam entre si quem fala “a verdade mais verdadeira”. Propomos, aqui, que se considere religião e ciência como formas de conhecimento apenas diferentes, sem a pretensão de julgar se uma é melhor ou pior do que a outra, superior ou inferior: apenas diferentes.

“Psicologia” vem das palavras gregas *psyché* e *logos* e quer dizer, mais ou menos, “discurso sobre o espírito” ou mesmo “razão do espírito”. As religiões, é inegável, muito têm a falar sobre o “espírito” dos seres humanos, sobre suas dores, sofrimentos, alegrias e gozos. No entanto, parece que, nos serviços de Saúde, a “psicologia científica” é a forma de conhecimento que dá a palavra final – será tão somente por ser científica?

Para a maioria dos profissionais formados em Psicologia ou em Psiquiatria a dimensão da religiosidade e da fé é desconsiderada ou mesmo negada: se existe, não é problema da psicologia, deve ficar fora dos centros de atenção em saúde mental. Outros vêem as expressões da religiosidade de um povo como misticismo, superstição, alienação ou mesmo histeria e outros nomes que trazem a idéia de doença mental.

“Religião e ciência são formas de conhecimento apenas diferentes...”

Contudo, mais recentemente, muitos são os pesquisadores e psicólogos que pensam de forma diferente: eles acham que, em verdade, há muita coisa que a psicologia científica não compreende, acham que há preconceitos teóricos e problemas de formação universitária que dificultam a compreensão do fenômeno da fé em sua plenitude e no dia-a-dia de um povo. Ignorar aspectos da cultura, da realidade e da religiosidade das classes populares pode induzir profissionais de saúde mental a alguns erros –

erros que podem ser vistos em fichas e prontuários de serviços de saúde.

O que será que se passa nas Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, nos Centros Espíritas Kardecistas, nos terreiros de Umbanda e nas casas de Candomblé que tanto têm a ensinar aos profissionais da psicologia científica? Se tantas pessoas, há tanto tempo

– muito antes de ser inventada a psicologia científica – recorrem a esses lugares de fé buscando um bálsamo para suas dores, sofrimentos e angústias e buscando felicidade, realização e alegria, por que haveria a ciência de ignorar tudo isso? Será possível uma comunicação? Será possível um diálogo entre religião popular e psicologia científica? Em caso de resposta positiva, como?

Sabemos que não são perguntas fáceis de responder. Mas achamos que podemos começar a pensar em conjunto – principalmente se o que está em jogo é o bem-estar e a melhoria das condições de vida das pessoas que andam pelo mundo com dificuldades.



Desenho de Lázaro Segall



FIQUE POR DENTRO

"ACORDA MANGUINHOS"

8

"Acorda Manguinhos" é o nome do Fórum Regional de Desenvolvimento do Complexo de Manguinhos. Após seu lançamento em 21 de junho, com a presença de mais de 50 representantes de 10 das 11 comunidades, foi eleita uma Comissão Executiva.

A Comissão Executiva conta com representantes de diversas comunidades e suas principais funções são articular as reuniões do Fórum Regional e dos Fóruns Locais, além de estabelecer trocas de informações entre os Fóruns Comunitários e os Grupos de Trabalho do Programa de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável de Manguinhos (DLIS-Manguinhos).

As reuniões da Comissão do "Acorda Manguinhos" são abertas e acontecem todas as segundas-feiras, às 18:00h, no CCDC do Parque Carlos Chagas (Varginha).



O DESEMPREGO E O FUTURO

Segundo o Ministério do Trabalho foram criados 80.028 empregos formais em setembro. No ano de 2001 seriam 772.700 trabalhadores com carteiras assinadas.

Já segundo a Fundação Seade-Dieese só na Região Metropolitana de São Paulo o número de desempregados em agosto era de 1.637.000.

E, segundo, a pesquisa da CNI neste final de ano, é a seguinte a expectativa dos brasileiros:

- 75% acha que o desemprego ficará maior,
- 68% acreditam que a renda das pessoas vai diminuir,
- 55% usarão o 13º salário para saldar dívidas e
- 8% já estão desempregados.



CENTRO DE ESTUDOS E
PESQUISAS DA LEOPOLDINA



Av. Brasil, 4036 - sala 907 -
Manguinhos - Cep: 21040-360
Tel: 2590 1998
2590 9122 ramal 307
E. Mail: cepel@alternex.com.br
Rio de Janeiro

OS NÚMEROS DA FOME

Segundo a Fundação Getúlio Vargas, 50 milhões de brasileiros (29,4% da população) passam fome, tendo uma renda per capita inferior a R\$ 80 por mês, não consumindo o mínimo de calorias por mês estabelecido pela Organização Mundial de Saúde - OMS.

1. 523.295 pessoas passam fome no Grande Rio - na cidade "maravilhosa" são 629 mil pessoas, um número maior do que a população de Niterói, por exemplo.

Uma triste amostra da fome no Rio de Janeiro foram as cenas de pessoas catando comida no meio dos escombros do incêndio do Ceasa em Irajá.

Dos 0,38% tributados nas transações bancárias (o CPMF), 0,08% (cerca de R\$ 4 bilhões) deveriam ser aplicados nos fundos de combate à pobreza. No entanto são depositados no caixa do governo, que o gasta conforme quer. Enquanto isso cresce o número de pessoas que vivem dos lixões, atrás de alimentos e objetos para venda.

Depoimentos apontam que uma cena se repete todas as segundas-feiras em diversas escolas públicas e creches comunitárias do Grande Rio e do Brasil: crianças repetem várias vezes a merenda, pois passam fome nos finais de semana.



LUCROS RECORDES

"O primeiro semestre de 2001 vai ficar marcado na história das companhias de capital aberto não só pelas perdas provocadas com a desvalorização do real e com o racionamento de energia, mas também por produzir alguns dos maiores lucros desde 1991. Em primeiro lugar da lista aparece a Petrobras. (...) Também constam da lista dos maiores lucros desde 1991, Eletrobras, Banco Itaú, Companhia Vale do Rio Doce e Bradesco." (Fonte: *Gazeta Mercantil*, 24/08/2001)

IMPRESSO

SE
LIGA
NO
Sinal

Se você gostou do SINAL, faça uma assinatura. Você estará contribuindo para a continuidade deste trabalho.
Assinatura anual: R\$ 10,00.

NOME: _____

PROFISSÃO: _____

ENDEREÇO: _____

TEL: _____

BAIRRO: _____

CIDADE: _____ CEP: _____